

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

CLARISSA DE BONA DA SILVA

**RESGATE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE O CUIDADO À CRIANÇA NA REVISTA
GAÚCHA DE ENFERMAGEM**

Porto Alegre

2010

CLARISSA DE BONA DA SILVA

**RESGATE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE O CUIDADO À CRIANÇA NA REVISTA
GAÚCHA DE ENFERMAGEM**

Trabalho de conclusão de curso realizado como requisito parcial da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª Ms. Ivana de Souza Karl

Porto Alegre

2010

RESUMO

Busca-se com esse trabalho conhecer a produção científica existente sobre o cuidado a criança, enfocando as vivências dos enfermeiros, de crianças e familiares. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica sobre o tema cuidado a criança na Revista Gaúcha de Enfermagem. Para a seleção dos artigos, foram incluídos critérios de inclusão e exclusão e, após a definição desses artigos, foi realizada a compilação de dados onde as análises foram categorizadas em décadas. Na década 70 evidencia-se um reduzido número de publicações sobre criança, assim como nas demais categorias. Na década de 80 os artigos salientam a importância da permanência conjunta da família e a sua co-participação no cuidado prevenção. Na década de 90 observa-se uma diminuição de publicações. Fica evidenciado uma grande preocupação com o recém-nascido prematuro. A década de 00 caracteriza-se pelo profundo desvelar de conhecimentos de enfermagem sobre o paciente que convive com HIV, crianças com necessidades especiais, violência infantil e abuso sexual.

Descritores: criança, história da enfermagem, enfermagem e cuidado

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 1976- 1979 segundo as áreas de conhecimento	15
Tabela 2– Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 1980- 1989 segundo as áreas de conhecimento	17
Tabela 3 – Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 1990- 1999 segundo as áreas de conhecimento	24
Tabela 4 – Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 2000- 2009 segundo as áreas de conhecimento	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Publicações da Revista Gaúcha de Enfermagem na área da criança. Década de 1980 – 1989.....	18
Quadro 2 – Publicações da Revista Gaúcha de Enfermagem na área da criança. Década de 1990 – 1999.....	21
Quadro 3– Publicações da Revista Gaúcha de Enfermagem na área da criança. Década de 2000 – 2009.....	26

AGRADECIMENTOS

À Professora Ms. Ivana de Souza Karl pela orientação, dedicação e constante estímulo no desenvolvimento deste trabalho. Pelo carinho, por acreditar em mim e pelo apoio em diversos momentos pessoais e profissionais.

A minha família pela amizade, confiança e apoio em mais uma etapa de minha vida. Pelo carinho e por estarem sempre ao meu lado.

A todos aqueles que, de alguma forma, estiveram comigo nessa caminhada apoiando-me e incentivando-me.

O conhecimento ajuda, mas o conhecimento sozinho
não resolve o problema de ninguém.

Se você não usar sua cabeça, seu coração e sua
alma, não conseguirá ajudar um único ser humano.

Elisabeth Kubler-Ross

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVO	11
2.1 Objetivo Geral.....	11
2.2 Objetivo Específico.....	11
3 METODOLOGIA.....	12
3.1 Tipo de estudo	12
3.2 Fonte.....	12
3.3 Coleta de Dados.....	12
3.4 Análise dos Dados	13
3.5 Aspectos Éticos.....	14
4 RESGATE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE O CUIDADO A CRIANÇA NA REVISTA GAÚCHA DE ENFERMAGEM.....	15
4.1 Década de 1976 - 1979.....	15
4.2 Década de 1980 – 1989.....	16
4.3 Década de 1990 - 1999.....	21
4.4 Década de 2000 - 2009.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – Instrumento para avaliação dos dados bibliográficos.....	51

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em enfermagem iniciou com Florence Nightingale. Até a virada do século IX para o XX pouca pesquisa era realizada em enfermagem. Após essa data as pesquisas publicadas tinham relação com os problemas enfrentados pelos enfermeiros e ao ensino da enfermagem. A partir de 1950 a enfermagem avançou com um número crescente de publicações, provavelmente, devido a um maior número de enfermeiras com preparação acadêmica avançada (BARROS, 2007).

O "fazer" em enfermagem é complexo e exige tomada de decisões (BARROS, 2007). A pesquisa em enfermagem é a investigação sistemática para o desenvolvimento do conhecimento sobre a prática, o ensino e a administração da enfermagem gerando conhecimento, orientando a prática e melhorando o atendimento e a qualidade de vida dos clientes (POLIT, 2005). De acordo com Barros (2007), a pesquisa possibilita que o profissional realize suas atividades embasadas cientificamente. Os resultados de uma pesquisa podem ser usados no planejamento da assistência, indicando intervenções adequadas para determinados grupos sociais, tipos de problemas e características do cliente.

A pesquisa em Enfermagem na área do cuidado a criança vem crescendo e isso se reflete na história da própria infância. Até o século XV não existia o sentimento de infância. Não existia particularidade infantil que diferenciava a criança do adulto. Dessa forma a criança era inserida no mundo adulto, e se comportava como estes (ARIES, 1981).

A partir do século XVI a compreensão do "ser criança" foi emergindo gradativamente, mas foi no século XVII que ela adquiriu importância dentro da família e da sociedade (MOREIRA; DUPAS, 2003).

Foi a partir da década de 1930 que a criança passou a ser vista como ser único com características próprias em cada fase do seu crescimento e desenvolvimento (COLLET; OLIVEIRA, 2002).

Percebendo que a produção científica é um veículo do conhecimento e tendo inquietações durante minha trajetória acadêmica que se relacionavam com o cuidado à criança, veio o desejo de compreender melhor como começaram as publicações de

enfermagem nessa área na Revista Gaúcha de Enfermagem. Assim, a motivação deste estudo é conhecer o espaço das publicações do cuidado à criança em relação às outras áreas do conhecimento da enfermagem tentando observar e refletir sobre sua trajetória ao longo de toda a história. A justificativa do estudo está na própria revista, pois ela é a história viva do cuidado prestado às crianças e suas famílias ao longo de quatro décadas, além de ser um registro do conhecimento dos enfermeiros.

Para a enfermagem do sul do país a Revista Gaúcha de Enfermagem passou a ser um referencial de divulgação da construção do conhecimento, considerando as dimensões, éticas, subjetivas, técnicas e institucionais, do cuidado, seus valores, sentimentos e limites do ser cuidado e do ser cuidador.

Frente a isso, a questão norteadora foi:

Quais foram as publicações sobre o cuidado à criança, na Revista Gaúcha de Enfermagem desde sua criação, em 1976 até o ano de 2009?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Identificar as publicações acerca do cuidado à criança, na Revista Gaúcha de Enfermagem, desde sua criação em 1976, até o ano de 2009.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar o número de artigos publicados sobre o cuidado à criança;
- Identificar as temáticas dos artigos publicados sobre o cuidado à criança.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Estudo

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório que segundo Gil (2002), caracteriza-se por ser desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. Este tipo de pesquisa tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato com aquilo que já foi escrito sobre o assunto, permitindo aprimorar os conhecimentos e explorar novas idéias.

3.2 Fonte

Foi utilizada como fonte de pesquisa a Revista Gaúcha de Enfermagem.

Desde 1976 a Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul edita e publica a Revista Gaúcha de Enfermagem para divulgar a produção científica da Enfermagem e áreas afins. Sua periodicidade é trimestral e esta indexada em bases de dados nacionais e internacionais.

Os trabalhos publicados na Revista incluem artigos, artigos de atualização e de reflexão, dissertações, relatos de experiência, revisão sistemática e resumos. As publicações obedecem aos critérios da Associação Brasileira de Normas e Técnicas - ABNT.

3.3 Coleta de Dados

Os dados foram obtidos através de consultas aos volumes publicados na Revista Gaúcha de Enfermagem disponíveis em acervos na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio grande do Sul e disponíveis, também, no site da Revista (<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem>).

O recorte temporal utilizado no trabalho abrangeu o período a partir de 1976, visto que a Revista Gaúcha de Enfermagem foi criada neste ano, até o ano de 2009 por assim se terem todos os volumes publicados neste ano.

Para auxílio na busca dos dados foram utilizados os descritores: criança, recém-nascido, história da enfermagem, enfermagem, enfermagem pediátrica e cuidado.

Tendo como objetivo a guarda e a organização dos dados foi confeccionada uma ficha de leitura. A mesma continha o título do trabalho, o ano, autores, fontes, idiomas, descritores, tipo de estudo, contexto do estudo, local do estudo, população alvo, objetivo do estudo e resultados encontrados e conclusões. Esta foi preenchida após a leitura dos resumos e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos. (APÊNDICE A).

Para melhor organização desse trabalho, buscou-se distribuir as publicações de acordo com as diferentes áreas do saber da enfermagem. Essas áreas foram guiadas pela denominação das disciplinas que abrangem o currículo da enfermagem. São elas: Cuidado ao Adulto, Cuidado à Criança, Saúde da Mulher, Saúde Mental, Saúde Comunitária, Administração, Ensino/pesquisa e outros. Dentro da temática outros foram alocadas as publicações que abrangiam assuntos que não se enquadravam nas outras categorias denominadas nessa pesquisa. A seguir, passou-se a analisar apenas as publicações referentes ao cuidado à criança, atendendo ao objetivo do estudo.

3.4 Análise dos Dados

A análise bibliográfica trabalha com fontes acabadas, não-analisadas ou analisadas, recebendo nova reformulação conforme os objetivos do estudo, o que é valioso, pois complementam dados já existentes e provocam novas descobertas sobre o tema (GIL, 2002). Portanto, será feita leitura do material bibliográfico selecionado na pesquisa, conforme:

- Ler o material: leitura do material localizado. Primeiramente, leitura exploratória; após, leitura seletiva; leitura analítica; e por último, leitura interpretativa;
- Confeccionar as fichas de leitura: com o objetivo de identificar as obras consultadas, registrar o conteúdo e os comentários acerca das obras e ordenar os registros;
- Estruturar a construção lógica do trabalho: classificar as fichas de leitura e agrupá-las por assuntos;
- Redigir o texto: é a última etapa de uma pesquisa bibliográfica. Não existem regras fixas que determinem o procedimento, mas alguns aspectos devem ser considerados na elaboração do relatório como conteúdo (introdução, contexto e conclusões), estilo (impessoal, claro, preciso e conciso) e aspectos gráficos (organização das partes, disposição do texto, citações, notas de rodapé, tabelas, bibliografia).

3.5 Aspectos Éticos

As questões éticas serão preservadas à medida que os autores forem referendados no estudo e nas referências, conforme as normas da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

4 RESGATE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE O CUIDADO À CRIANÇA NA REVISTA GAÚCHA ENFERMAGEM

Neste capítulo, apresento o processo de reflexão vivido durante a análise das informações coletadas para essa pesquisa. Isto levou-me a organização dos resultados encontrados sob forma de categorias, sendo assim revela-se a estrutura geral da identificação dos estudos publicados sobre o cuidado a criança na Revista Gaúcha de Enfermagem apresentados por décadas a partir de sua fundação.

4.1 DÉCADA DE 1976– 1979

O primeiro artigo da Revista Gaúcha de Enfermagem, *Enfermagem – Ontem e Hoje*, descreveu, através de investigação bibliográfica, a evolução da Enfermagem no Brasil desde o ano de 1923 até o início de 1976. Neste artigo houve uma preocupação da autora em fazer um histórico como seria a trajetória do enfermeiro desde sua graduação até o doutorado.

A década de 70 nos mostra poucas produções científicas na Revista Gaúcha de Enfermagem. Percebem-se áreas que não publicaram trabalhos e outras que tiveram um número reduzido de publicações para a época. Em relação à área da criança observam-se apenas dois estudos publicados. O primeiro, *Contribuição da Enfermagem Pediátrica na elevação de Saúde da Comunidade* (EIDT; MUXFELDT, 1976); e outro *Cuidados de Enfermagem nas Leucoses* (HAMILTON, et al, 1976).

Tabela 1 – Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 1976- 1979 segundo as áreas de conhecimento.

ANO DE PRODUÇÃO / NÚMEROS	CUIDADO AO ADULTO	CUIDADO A CRIANÇA	SAÚDE DA MULHER	SAÚDE MENTAL	SAÚDE COMUNITÁRIA	ADMINISTRAÇÃO	ENSINO/ PESQUISA	OUTROS
1976 / 3		2		1		4	3	6
1977 / 1					1	1		9
1978								
1979								
Total		2		1	1	5	3	15

Fonte: Revista Gaúcha de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS

Observando-se os dados da **Tabela 1**, constatou-se que poucos trabalhos foram publicados na Revista. Na área do cuidado a criança foram 2 trabalhos.

O trabalho de Eidt e Muxfeldt (1976) mostrou a necessidade em não restringir a assistência de enfermagem pediátrica somente no momento da doença e sim, investir na educação em saúde. Percebia-se que as vantagens da hospitalização da criança seriam maiores se esta e sua família conseguissem, além da recuperação da saúde, uma educação para continuar a manter a sua saúde através de um engajamento nos serviços assistenciais. Existiam muitas vantagens do recrutamento da criança no ambulatório, onde a mesma receberia uma assistência integrada de enfermagem nos níveis de prevenção primária. Pensava-se em serviços terapêuticos e assistenciais preventivos transformando um foco de doença evitável numa orientação positiva de saúde.

Também houve publicação dos alunos da disciplina de Enfermagem Pediátrica sobre cuidados básicos de enfermagem a pacientes leucêmicos, cuja orientadora foi Dulce Nunes. Nesse artigo são listados os cuidados de enfermagem a criança leucêmica. Observa-se que não houve preocupação de uma pesquisa aprofundada da temática (HAMILTON, 1976).

Em 1978 e 1979 observa-se que não houve publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem devido ao falecimento da sua editora, Professora Dirce Pessôa de Brum Aragón, que coordenava todas as atividades em relação à publicação da revista. Considerando a importância que a Revista representava no meio, houve interesse pelo grupo editorial em reativá-la a partir da década de 80.

4.2 DÉCADA DE 1980 - 1989

O início dos anos 80 foi marcado por uma nova concepção de saúde, no Brasil, que ficou solidificada com a Constituição de 1988 e com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), pois as medidas curativas e hospitalocêntricas não atendiam mais as necessidades de saúde da população. Esse sistema foi planejado para garantir uma

assistência voltada para a atenção básica e a promoção integral de saúde, dentro dos princípios constitucionais da universalidade, integralidade, descentralização, equidade e participação popular (BRASIL, 2007).

Na década de 1980 foram publicados vários artigos sobre o cuidado à criança e família. Já no início dessa década observa-se alguns trabalhos que tratavam sobre a importância da participação da mãe e da família nos cuidados à criança hospitalizada.

Para Enfermagem Pediátrica a implementação do alojamento conjunto pediátrico foi uma luta de anos, e isso ficou evidenciado nas temáticas de vários artigos.

Nunes (1981) levanta questões sobre a viabilidade de implantação do sistema de alojamento conjunto pediátrico em nível hospitalar, propõe estudo sobre a permanência diária dos pais junto aos filhos hospitalizados, durante o dia inteiro, e justifica a necessidade deste sistema para a criança, pais, equipe multidisciplinar pediátrica e instituições hospitalares pediátricas.

Tabela 2 – Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 1980- 1989 segundo as áreas de conhecimento.

ANO DE PRODUÇÃO / NÚMEROS	CUIDADO AO ADULTO	CUIDADO A CRIANÇA	SAÚDE DA MULHER	SAÚDE MENTAL	SAÚDE COMUNITÁRIA	ADMINISTRAÇÃO	ENSINO/ PESQUISA	OUTROS
1980 / 4		3			4		1	1
1981 / 1	3	3				1	1	1
1982 / 1	3	2			1			5
1983 / 2	10	3	1	1	1	1	1	5
1984 / 2	5	5	3	1	1	2	7	1
1985 / 2	4	2		1	1	1	5	10
1986 / 2	9	4		2			2	6
1987 / 2	3	3	3			2	1	9
1988 / 2	2	3	3		2	2	1	4
1989 / 2	5	1	2	1	1	1	5	6
Total	44	29	12	6	11	10	24	48

Fonte: Revista Gaúcha de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS

No **Quadro 1** são apresentadas informações relativas às tendências temáticas dos artigos. Vários estudos nesse sentido mostram a preocupação, a importância e os benefícios do sistema de alojamento conjunto.

ANO	TITULO	AUTOR	TEMATICA
1980	Assistência de Enfermagem em alojamento conjunto para a mãe e recém-nascido	<i>Marina Pizzato</i>	Alojamento conjunto
	Participação da mãe e da família na assistência a criança hospitalizada	<i>Olga Rosária Eidt; Helena Becker Issi</i>	Criança hospitalizada
	Plano de ensino para assistência de enfermagem à criança sadia	<i>Emirynha de Queiroz Maya Rheingantz; Walderez Spencer Uebel; Clair da Graça de Souza Za mo</i>	Assistência de enfermagem à criança
1981	Tendências atuais na assistência perinatal: conduta e responsabilidade da enfermagem.	<i>, Edith de Figueiredo Do minguês</i>	Assistência perinatal
	Alojamento conjunto pediátrico.	<i>Dulce Maria Nunes</i>	Alojamento conjunto
	Educação sexual da criança.	<i>Marina Pizzato.</i>	Educação sexual
1982	Responsabilidade da enfermagem na organização e planejamento da assistência neonatal.	<i>Marina Pizzato</i>	Organização e planejamento da assistência
	Estudo de plantas medicinais usadas para chá infantil e o papel do enfermeiro na orientação às mães.	<i>Antônio de Medeiros Nazario</i>	Estudo plantas medicinais
1983	Aleitamento natural a recém-nascido em incubadora	<i>Vivian E. A. Pereira</i>	Aleitamento materno
	Alguns aspectos na manutenção da integridade corporal do recém-nascido pré-termo -	<i>Vera Regina Lopes Da Poian</i>	Integridade corporal
	A integração da família na assistência à criança hospitalizada	<i>Maria Noemi Ferreira Ribeiro, Josefa Dias Lima</i>	Integração família
1984	Humanização no atendimento de Enfermagem - p problemas das doenças transmissíveis	<i>Maria Rizeide Negreiros de Araújo, Roseni Rosangela Chompré</i>	Humanização
	Manutenção da oxigenação do recém-nascido pré-termo (RNPT)	<i>Vera Regina Lopes Da Poian, Marina Pizzato</i>	Recém-nascido
	Um estudo exploratório de assistência de enfermagem em saúde mental para adolescentes -	<i>Marluce Miguel de Siqueira, Lisete Diniz Ribas Casagrande</i>	Assistência enfermagem
	Avaliação da saúde das crianças de zero a seis meses de idade, através da consulta de enfermagem no Centro de Saúde Passo Fundo – 1982	<i>Lorena T. Consalter Geib</i>	Avaliação da saúde
	Avaliação da idade gestacional do Recém-Nascido (RN), pelo método de Capuro, por enfermeiros e médicos que atuam na Unidade de Neonatologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, UIN – HCPA -	<i>Vera Da Poian, Clarisse Zembrano, Marina Pizzato, Neida Solla, Alice Araújo</i>	Recém-nascido
1985	Atividades recreativas na comunidade São José do Murialdo	<i>Maria Regina Gisler Lascombe Augustin</i>	Atividades recreativas
	Temperatura axilar do recém-nascido - RN - avaliada com termômetro clínico em diferentes tempos de permanência do termômetro	<i>Vera Regina Da Poian, Gisela Maria Schebella</i>	Recém-nascido
1986	Uma nova visão do método de Credé	<i>Vera Regina Da Poian, Maria Luzia C. Louzada, Marina Pizzato</i>	Método Credé
	Educação psicomotora em crianças de tenra idade: consequências favoráveis sobre os processos de maturação neurológica, psicológica e social -	<i>Vera Regina da Ré, Eduardo Koff</i>	Educação psicomotora
	O uso do plástico na manutenção do ambiente termoneuro para o recém-nascido de pré-termo (RNPT) -	<i>Vera Regina Da Poian, Maria Luzia C. Louzada, Gisela Maria Schebella</i>	Recém-nascido pré-termo
	Alimentação de zero a um ano de idade - da teoria à realidade alimentar	<i>Maria da Glória Miotto Wright, José Eduardo Dutra de Oliveira</i>	Nutrição
1987	Intoxicação exógena no paciente pediátrico	<i>Liane Einloft, Rachel Beatriz Boni da Silva, Solange Heckler</i>	Intoxicação pediátrica
	Pré-escola e o pré-escolar, uma contribuição teórica à enfermagem na saúde infantil	<i>Ricardo Burg Ceccim</i>	Saúde infantil
	Assistência de enfermagem a pacientes pediátricos portadores de Síndrome de Stevens-Johnson no Hospital da Criança Santo Antônio	<i>Liane Einloft, Rachel Beatriz Silva</i>	Assistência enfermagem
1988	Ações de estimulação à criança na Unidade de Tratamento Intensivo Pediátrico	<i>Vera Lúcia Mendes Dias, Elizabeth Tannhauser Sant'anna, Maria da Graça Corso da Motta, Nair Regina Ritter Ribeiro</i>	Estimulação à criança
	Cuidados em recém-nascidos e puérperas executados por enfermeira durante a consulta de enfermagem	<i>Maria Coeli Campedelli, Maria Romana Friedlanter</i>	Cuidados em consulta de enfermagem
	Estudo retrospectivo de 7 casos de Enterocolite Necrosante (EN) em recém-nascidos. Uma proposta de assistência de enfermagem	<i>Maria Luzia da Cunha Louzada, Vera Regina Lopes Da Poian</i>	Recém-nascido
1989	Higiene alimentar no período neonatal: re visão da literatura	<i>Carmem Gracinda Silvan Scochi, Semiraris Melani Melo Rocha, Regina Aparecida Garcia de Lima, Dulce Maria Vendrusculo de Freitas, Ivone Kamada</i>	Higiene alimentar

Quadro 1 – Publicações da Revista Gaúcha de Enfermagem na área da criança. Década de 1980 – 1989.

Em 1981 o governo já priorizava o grupo materno infantil, pois representava parcela considerável da população total do país, naquela época, e caracterizava-se por condições bio-psico-sócio-econômica, que o tornam mais vulnerável aos riscos de adoecer e morrer. O índice de mortalidade perinatal já era alto e entre os fetos que sobrevivessem muitos não tinham condições de normalidade psicossomáticas.

Domingues (1981) em seu estudo procurou abordar, então, a assistência de enfermagem prestada na fase perinatal, sua conduta e responsabilidade. Abordou os fatores preventivo-social durante os períodos pré, intra e pós-parto, que reduzem os insucessos nesta área.

Ainda nessa década viu-se que a equipe de enfermagem tinha uma responsabilidade no que se referia a organização e planejamento da assistência neonatal. Pizzato (1982) fundamenta o planejamento e a organização da assistência neonatal e coloca como sendo prioritários a assistência integral ao recém-nascido, a educação dos pais, a formação de profissionais, a realização de pesquisas e preparo de modelos institucionais. Dessa forma, estudos foram feitos com a finalidade de fundamentar a execução de diversas técnicas no cuidado ao recém-nascido e criar rotinas para a execução desses cuidados.

Pereira (1983), sabendo da importância do aleitamento materno, descreve a técnica do mesmo a recém-nascido (RN) em incubadora e procurou abordar vantagens e desvantagens dessa técnica.

Em 1983 já se falava e estudava sobre ações educativas de enfermagem junto aos clientes. Percebia-se a necessidade da ação educativa para o cuidado continuado fora do ambiente hospitalar. O enfoque educação como processo formativo e não exclusivamente como informativo começa a fazer parte do fazer da enfermagem.

Muito estudou-se sobre o recém-nascido pré-termo (RNPT) por perceber este como um ser frágil que precisa de cuidados especiais. Da Poian (1983) abordou, em seu estudo, aspectos da assistência de enfermagem ao recém-nascido pré-termo (RNPT) e buscou, na teoria holística e na fisiologia, fundamentos que justificassem uma assistência personalizada e detalhada.

Augustin (1985) percebendo a importância da atividade recreativa para crianças com problemas biopsicossociais, propôs a implantação dessas atividades em uma comunidade com crianças, especialmente as desnutridas.

Da Poian e Schebella (1985) abordaram em um estudo a importância de saber cuidar de prematuros. Pensando em uma melhor aplicabilidade de técnica Da Poian, Louzada e Pizzato (1986) buscaram, em seu estudo, fundamentos para a execução da aplicação do método Credê. Descreveram os detalhes desse método envolvendo cuidados na sua aplicação.

Conhecendo a importância da educação em saúde e também a necessidade de se adequar as orientações às realidades da família buscou-se conhecer a viabilidade das recomendações no que se refere à alimentação infantil frente à realidade alimentar das famílias de baixa renda e suas implicações para os profissionais da saúde (WRIGHT; OLIVEIRA, 1986).

A educação psicomotora em crianças traz conseqüências favoráveis sobre os processos de maturação neurológica, psicológica e social. Assim sendo, as autoras realizaram um estudo comparativo entre crianças precocemente estimuladas e não-estimuladas discutindo sobre a conveniência da aplicação de técnicas de educação psicomotora a crianças em idade pré-escolar (RÉ; KOFF, 1986).

Einloft e Silva (1987) elaboraram um quadro de cuidados de enfermagem aos pacientes portadores da Síndrome de Stevens-Johnson e enfocaram a manutenção da integridade física corporal através da profilaxia de infecções.

A infância é um período de grande importância, onde o potencial de crescimento e desenvolvimento da criança estão florescendo, tanto nos aspectos biológicos como nos psicossociais e cognitivos. Assim, Dias et al. (1988) desenvolveram um estudo ressaltando a importância da estimulação da criança em uma unidade de tratamento intensivo pediátrico para o seu crescimento e desenvolvimento.

4.3 DÉCADA DE 1990 – 1999

Nos estudos publicados na década de 90 percebe-se um cuidado em estudar os registros e o planejamento da assistência de enfermagem. Isso foi percebido em trabalhos que avaliaram a assistência de enfermagem neonatal através da análise dos registros efetuados pelos enfermeiros visto que esses são uma comprovação dos cuidados prestados e facilita na comunicação multiprofissional.

ANO	TITULO	AUTOR	TEMATICA
1990	Enfermagem escolar e educação sexual para adolescentes	<i>Gessi Maria Cardoso Felizari</i>	Educação sexual
1991	Causas da permanência do recém-nascido na unidade de internação neonatológica – uma proposta de planejamento da assistência de enfermagem nas primeiras horas de vida	<i>Vera Da Poian, Clarice Cops tein</i>	Recém-nascido
	Avaliação da assistência de enfermagem neonatal através da análise dos registros efetuados pelos enfermeiros	<i>Vera Da Poian</i>	Assistência
1994	Algumas considerações sobre a agressividade na criança – implicações em enfermagem	<i>Jaco Fernando Schmel der, Maria Alice Pereira, Elizabeth R. M. do Valle</i>	Agressividade
	Contusão cerebral e epilepsia no período neonatal um alerta para o enfermeiro	<i>Vera R. L. da Poian</i>	Período neonatal
1995	A criança de risco nutricional: avaliação do gráfico para acompanhamento do crescimento em uma unidade básica de saúde de Ribeirão Preto – SP	<i>Daniela Silveira Gericó, Dulce Maria Silva Ventrúsculo</i>	Nutrição
	Ensino do cuidado de enfermagem ao recém-nascido: uma experiência de professores e alunos	<i>Vera R. L. Da Poian, Rosa M. M. Vianna, Irineo Agostini, Eliane Mendes, Maria Luzia da Cunha</i>	Ensino
1990	Convivendo com a doença do irmão	<i>Caren Mello Guimaraes, Nair Regina Ritter Ribeiro</i>	Doença do irmão
	Transformações paradigmáticas do cuidado a partir do "mundo vivido" de enfermeiras pediátricas	<i>Beatriz Sebben Ujeda</i>	Cuidado
	Crianças hospitalizadas por maus – tratos; o cuidado e o significado das vivências de cuidadores de enfermagem	<i>Jane Isabel Brehl</i>	Maus tratos
1998	Atelier de vivências: um ambiente propício à construção do cuidado à criança hospitalizada por maus-tratos	<i>Olga Rosaria Eidt, Jane Isabel Brehl, Simone Algeri</i>	Maus tratos
1999	Conhecendo para evitar: a negligência nos cuidados de saúde com crianças e adolescentes	<i>Eliane Pinheiro de Moraes, Olga Rosaria Eidt</i>	Negligencia nos cuidados

Quadro 2 – Publicações da Revista Gaúcha de Enfermagem na área da criança. Década de 1990 – 1999.

O **Quadro 2** trata das temáticas que eram as inquietações dos autores. Verifica-se que existia uma grande preocupação com o fazer, com a técnica pela técnica. Ainda a área de conhecimento neonatal prevalecia sobre o cuidado à criança.

Da Poian (1991), permanece publicando sobre o recém-nascido. Em um dos seus trabalhos a autora faz uma avaliação da participação do enfermeiro na admissão do neonato. Sabe-se que a avaliação é de suma importância visto que auxilia na identificação de sinais de dificuldade de adaptação à vida extra-uterina podendo classificar grupos que apresentem sinais de dificuldade na adaptação a vida extra-uterina e grupos compostos por bebês sem sinais de risco, realizando dessa forma a assistência necessária ao recém-nascido.

No ano de 1994 publicou-se um estudo sobre a agressividade na criança. Percebendo a criança como um ser em desenvolvimento, viu-se necessário conhecer a realidade da agressividade da criança e estudar a necessidade do profissional enfermeiro no entendimento dessa criança possibilitando, assim, uma nova perspectiva de ação no relacionamento com a mesma (SCHNEIDER; PEREIRA; VALLE, 1994).

Nesse mesmo ano, 1994, já se percebia a necessidade e importância do papel educativo do enfermeiro aos pais, cuidadores, profissionais da saúde e à família. Da Poian (1994) mostra essa nova atuação da enfermagem em um trabalho salientando a educação de enfermagem na prevenção de seqüelas decorrente de determinada patologia neonatal.

Visando qualificar o profissional da saúde, especificamente o profissional da Enfermagem, em relação ao cuidado à criança, Da Poian et al (1995), abordam em seu estudo a estrutura teórica e prática em disciplinas de assistência ao recém-nascido que regiam o currículo daquela época, oferecido até o semestre 96/1, onde enfocam os aspectos do cuidado ao mesmo e sua família. Relatam as atividades de monitoria e inclui como anexo planos de ensino, ficha controle usada em laboratório e roteiro para anamnese e exame do recém-nascido (RN).

Em 1997 o irmão da criança doente passa a ocupar espaço nos estudos relacionados à criança. Já sabendo sobre o sentimento da família em relação à doença da criança, viu-se importante saber como a criança sadia percebe o irmão doente. Qual a reação da criança ao saber do diagnóstico do irmão, o enfrentamento da

hospitalização do mesmo e dos diferentes comportamentos dos pais em relação ao filho sadio (GUIMARÃES, RIBEIRO, 1997).

Ojeda (1997) estudou o processo de desenvolvimento dos enfermeiros que trabalhavam na área do cuidado à criança e buscou compreender como se processavam as transformações paradigmáticas do cuidado a partir das vivências diárias. Esse trabalho propiciou reflexões sobre o processo relacional que envolve o ato de cuidar.

Os anos de 1997, 1998 e 1999 foram marcados por apresentarem trabalhos relacionados aos maus tratos às crianças. Até então nenhum trabalho havia abordado esse tema. Nesse contexto também achou-se importante conhecer como o profissional de enfermagem se via nesse processo de cuidar.

Sendo o profissional de enfermagem presente no processo de cuidado da criança, Biehl (1997) procurou mostrar o cuidado e o significado das vivências dos profissionais da equipe de enfermagem como cuidadores de crianças hospitalizadas por maus-tratos. Esse trabalho mostrou a postura dos cuidadores de enfermagem, suas aprendizagens, suas reflexões sobre o tema e suas significações como seres humanos - cuidadores, construindo-se ao construir a sua própria história.

Já no ano de 1998 buscou-se ver o lado do cuidador de enfermagem que atende a criança vítima de maus tratos. Procurou-se repensar e construir, a partir das vivências, sentimentos e expectativas da equipe de enfermagem. Os significados emergidos do cuidado de enfermagem trouxeram também a legitimação de que o cuidador de enfermagem é um ser que necessita ser cuidado (BIEHL; ALGERI; EIDT, 1998).

Também nesta década, em 1999, Morais e Eidt (1999), em seu artigo Conhecendo para Evitar: a negligência nos cuidados de saúde com crianças e adolescentes, retratam como a enfermagem fazia a enfrentamento da violência intra-familiar que constitui-se, para muitas crianças e adolescentes, vivências familiares comuns. Com o objetivo de trazer contribuições à prevenção das diversas formas de violência, e entre estas, as negligências, alguns elementos emergem como fundamentais para gerarem atitudes de ajuda concreta: o conhecimento, a

compreensão e conseqüente reflexão de seus fatores influenciadores e/ou responsáveis.

Tabela 3 – Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 1990-1999 segundo as áreas de conhecimento.

ANO DE PRODUÇÃO/ NÚMERO	CUIDADO AO ADULTO	CUIDADO A CRIANÇA	SAÚDE DA MULHER	SAÚDE MENTAL	SAÚDE COMUNITÁRIA	ADMINISTRAÇÃO	ENSINO/ PESQUISA	OUTROS
1990/2	8	1	2			1	5	
1991/2		2	1			1	7	3
1992/2	5		4		2	3		2
1993/2	4		2		1	4	6	1
1994/1	2	2	2	1			3	2
1995/1	2	2	1	1	1	3	1	7
1996/2	2		3	2	2	3	4	3
1997/2	1	3	3			3	4	9
1998/2	5	1	3	2	2	1	3	5
1999/3	6	1	2		6	3	8	6
Total	35	12	23	6	14	22	41	38

Fonte: Revista Gaúcha de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS

4.4 DÉCADA DE 2000 – 2009

A partir do ano de 2000 alguns trabalhos intensificaram os publicados anteriormente e novos assuntos foram surgindo devido à contingência de temas que abordam o cuidado à criança e a necessidade de aprimorar os cuidados a esses clientes nas suas diferentes etapas da vida. No ano de 2002 começava a se falar sobre humanização e alguns trabalhos discutiram esse tema.

A **Tabela 4** mostra quantos trabalhos a Revista Gaúcha de Enfermagem publicou após o início do Programa de Pós Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Analisando a tabela, percebe-se nos resultados obtidos um aumento na produção científica de todas as áreas de estudo da enfermagem ao longo dos anos. Um considerável crescimento do número de publicações de trabalhos referentes a área do cuidado à criança.

Tabela 4 – Publicações na Revista Gaúcha de Enfermagem na década de 2000-2009 segundo as áreas de conhecimento.

ANO DE PRODUÇÃO/ NÚMERO	CUIDADO AO ADULTO	CUIDADO A CRIANÇA	SAÚDE DA MULHER	SAÚDE MENTAL	SAÚDE COMUNITÁRIA	ADMINISTRAÇÃO	ENSINO/ PESQUISA	OUTROS
2000 / 3	9	3	5	2	4	1	2	13
2001 / 2	5		3	3		3	3	3
2002 / 2	4	2	1	2		1	2	6
2003 / 3	5	5	6	3		4	5	5
2004 / 3	6	5	7	1	3	4	3	6
2005 / 3	6	6	3	2	4	4	4	7
2006 / 4	16	4	10		5	6	10	12
2007 / 4	11	12	10	5	2	6	9	9
2008 / 4	27	17	5	4	7	5	6	9
2009 / 4	32	14	2	8	11	11	12	5
Total	121	68	52	30	36	45	56	75

Fonte: Revista Gaúcha de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS

O **Quadro 3** mostra as publicações da Revista Gaúcha de Enfermagem na área da criança, na década de 2000 – 2009.

Nesta década observamos publicações que envolviam temas como vulnerabilidade, humanização, aborto na adolescência, crianças com necessidades especiais e a criança que convive com a síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS). O adolescente ganha espaço e vários trabalhos são publicados com temas abordando o mesmo.

Percebe-se que neste período manteve-se a temática em relação ao recém-nascido. Dentro destas publicações também foram abordados temas como a participação do pai no momento do parto, a comunicação com o recém-nascido pré-termo, dentre outros.

ANO	TITULO	AUTOR	TEMATICA
2000	Estando com meninos de rua: conhecendo e aprendendo as diferenças.	Anita Marques Costa	Meninos de rua
	Recém-nascidos hospitalizados: a vivência de pais e mães.	Maria Luzia Chollopetz da Cunha	Recém-nascido
	A comunicação dos cuidadores de enfermagem com o recém-nascido.	Eliane Norma Wagner Mendes	Comunicação recém-nascido
2002	O nascimento: um ato de violência ao recém-nascido?	Maria Aparecida Munhoz Gaíva, Celina Maria Araujo Tavares	Nascimento
	O cuidado com a pele do recém-nascido	Maria Luzia Chollopetz da Cunha, Eliane Norma Wagner Mendes, Ana Lúcia de Lourenzi Bonilha	Recém-nascido
2003	A criança com diagnóstico de câncer: revisitando o caminho das políticas de atendimento	Ana Izabel Jatobá de Souza, Alacoque Lorenzini Erdmann	Câncer
	Vínculo afetivo mãe/filho na unidade de alojamento do conjunto pediátrico	Paula Faquinello, Neusa Collet	Alojamento conjunto
	Reflexões acerca do ser-criança e do cuidado em enfermagem no contexto da aids	Cristiane Cardoso de Paula, Stela Maris de Mello Padoin, Eliane Tatsch Neves Vernier, Maria da Graça Corso da Motta	Criança aids
	O cuidado de crianças em creches: um espaço para a enfermagem	Vera Lúcia de Oliveira Gomes, Alcione Leite da Silva, Ede Ern	Crianças em creches
	Procedimento de enfermagem: uma dimensão da comunicação com o recém-nascido	Eliane Norma Wagner Mendes, Ana Lúcia de Lourenzi Bonilha	Comunicação com o recém-nascido
2004	Cólica em recém-nascido e lactente: revisão da literatura	Fanny Sarfati Kosminsky, Amélia Fumiko Kimura	Cólica em recém-nascido
	O significado do cuidado em UTI neonatal na visão de cuidadores em enfermagem	Cleciene Doncatto Simsen, Maria da Graça de Oliveira Crossetti	Cuidado em UTI neonatal
	Traumas infantis ocorridos em domicílio	Simone Travi Canabarro; Olga Rosaria Eidt; Denise Rangel Ganzo de Castro Aerts	Traumas infantis
	O pai no contexto hospitalar infantil	Eunice Vieira de Moura; Nair Regina Ritter Ribeiro	Pai no contexto hospitalar
	Sentimentos das mães de recém-nascidos prematuros: implicações para a enfermagem	Iara Teresinha Gama Fraga; Eva Néri Rubim Pedro	Sentimentos das mães
2005	O cuidado compartilhado entre a família e a enfermagem à criança no hospital: uma perspectiva para a sua humanização	Giovana Calcagno Gomes, Alacoque Lorenzini Erdman	Cuidado compartilhado, humanização
	Exploração sexual infantil juvenil: causas, conseqüências e aspectos relevantes para o profissional de saúde	Raquel Gusmão Oliveira, Sonia Silva Marcon	Exploração sexual
	Concepções de cuidado para os cuidadores: um estudo com a criança hospitalizada com câncer	Eva Neri Rubim Pedro, Silvana Scherzer Funghetto	Concepção de cuidado
	O acontecer do cuidado de enfermagem ao ser-criança que convive com AIDS: ser, saber e fazer compartilhado	Cristiane Cardoso De Paula, Maria Da Graça Oliveira Crossetti	Criança que convive com AIDS
	A violência infantil na perspectiva do enfermeiro: uma questão de saúde e educação	Simone Algeri	Violência infantil
2006	Crenças e sentimentos vivenciados pelas mães de recém-nascidos sob fototerapia	Antonia Do Carmo Soares Campos, Glória Da Conceição Mesquita Leitão	Sentimentos das mães
	Banho e colonização da pele do pré-termo	Maria Luzia Chollopetz Da Cunha, Renato Soibelman Procianny	Recém-nascido pré-termo
	Concepções de maternidade e de cuidado infantil de mães e profissionais de enfermagem	Carmen Lucia Mottin Duro	Concepções de maternidade e cuidado infantil
	Processo de cuidar a criança hospitalizada e família: percepção de enfermeiras	Silvana Maria Zarth Dias, Maria Da Graça Corso Da Motta	Cuidar da criança hospitalizada
2007	Violência infantil e brinquedo terapêutico	Patrícia Kuerten Rocha, Marta Lenise do Prado	Violência infantil
	A relação entre a mãe adolescente e o bebê pré-termo: sentimentos desvelados	Natália Rocha Chagas, Ana Ruth Macêdo Monteiro	Relação mãe-bebê
	Compreendendo o adolescer empregando o Método Criativo e Sensível: uma possibilidade de pesquisar	Darielli Gindri Resta, Maria da Graça Corso da Motta	Adolescente
	As relações interpessoais do adolescente deficiente visual na escola	Camilla Pontes Bezerra, Lorita Marlena Freitag Pagliuca	Relações interpessoais
	Instrumento de Qualidade de Vida para Jovens com Diabetes (IQVJD)	Tatiana de Sá Novato, Sonia Aurora Alves Grossi, Miako Kimura	Diabetes em adolescente
	Saberes e práticas de mães no cuidado à criança de zero a seis meses	Elisângela Argenta Zanatta, Maria da Graça Corso da Motta	Cuidado a criança
	Cateteres centrais de inserção periférica em crianças de hospitais do município de São Paulo	Patrícia Vendramim, Mavilde da Luz Gonçalves Pedreira, Maria Angélica Sorgini Peterlini	Procedimentos
	Associação da vitalidade do recém-nascido com o tipo de parto	Débora Thompson Biasoli Franceschini, Maria Luzia Chollopetz da Cunha	Recém-nascido
	Aprendendo a cuidar: vivências de estudantes de enfermagem com crianças portadoras de câncer	Carla Daiane Silva Rodrigues, Janice Maria da Cunha Calau, Dulce Maria Nunes	Cuidado a crianças portadoras de câncer
	Prematuros de muito baixo peso: do nascimento ao primeiro ano de vida	Daisy Maria Rizatto Tronchin, Maria Alice Tsunehiro	Recém-nascido prematuro
	Significado atribuído pelo enfermeiro ao cuidado prestado à criança doente crônica hospitalizada acompanhada de familiar	Juliana Bastoni da Silva, Débora Isane Ratner Kirschbaum, Irma de Oliveira	Criança Hospitalizada
	Respostas fisiológicas e comportamentais do recém-nascido de risco durante o cuidado da enfermeira	Maria Vera Lúcia Moreira Leitão Cardoso, Karla Maria Carneiro Rolim, Fernanda Cavalcante Fontenele, Eloah de Paula Pessoa Gurgel, Luciana Rabelo Costa	Resposta fisiológica do recém-nascido
	Promoção do aleitamento materno pela equipe de enfermagem em um hospital amigo da criança	Michele Salum Bulhosa, Valéria Lerch Lunardi, Wilson Danilo Lunardi Filho, Sandrine Avila Gonçalves	Aleitamento materno

ANO	TITULO	AUTOR	TEMATICA
2008	Ações e expressões de cuidado na prática educativa de enfermeiros docentes	Márcia Otero Sanches, Eva Néri Rubim Pedro	Prática educativa
	O comportamento sexual de adolescentes em algumas escolas no município de Embu, São Paulo, Brasil	Conceição Vieira da Silva Ohara, Dulcilene Pereira Jardim, José Roberto da Silva Brêtas	Comportamento sexual
	O cuidado domiciliar à criança em quimioterapia na perspectiva do cuidador familiar	Natália Rocha Chagas Comaru, Ana Ruth Macêdo Monteiro	Cuidado domiciliar
	Família, infância e adolescência: lembrança de internos da penitenciária estadual de Maringá, Paraná, Brasil	Sonia Silva Marcon, Tatiane Sano Furukawa	Adolescente infrator
	Práticas de atendimento ao neonato na implantação de uma unidade neonatal em hospital universitário	Cecília Drebes Pedron, Ana Lúcia De Lourenzi Bonilha	Práticas de atendimento ao neonato
	Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola?	José Manuel Da Silva Vilelas Janeiro	Educação sexual
	Prevalência das doenças diagnosticadas pelo programa de triagem neonatal em maringá, paraná, brasil: 2001-2006	Geisa Dos Santos Luz, Maria Dalva De Barros Carvalho, Sandra Marisa Peloso, Ieda Harumi Higarashi	Doenças diagnosticadas
	Percepções dos profissionais de uma unidade de internação pediátrica sobre a alta de crianças ostomizadas	Lilian Cagliari Linhares Barreto, Maria Helena Cabral De Almeida Cardoso, Maria Auxiliadora Monteiro Villar, Ana Cristina Bohrer Gilbert	Cuidadores de crianças
	Percepções da equipe de enfermagem em relação ao pai como cuidador na unidade de pediatria	Giovana Calcagno Gomes, Wilson Danilo Lunardi Filho, Alacoque Lorenzini Erdmann	Pai como cuidador
	O cuidado domiciliar à criança em quimioterapia na perspectiva do cuidador familiar	Natália Rocha Chagas Comaru, Ana Ruth Macêdo Monteiro	Cuidado domiciliar
	Brinquedo terapêutico: benefícios vivenciados por enfermeiras na prática assistencial à criança e família	Edmara Bazoni Soares Maia, Circéa Amália Ribeiro, Regina Issuzu Hirooka de Borba	Brinquedo terapêutico
	Análise da punção venosa e sondagens nasogástrica e nasoenteral em unidade de internação pediátrica	Arlene Gonçalves dos Santos Pedroso, Ana Maria Muller de Magalhães	Procedimentos
	Existir de crianças com aids em casa de apoio: compreensões à luz da enfermagem humanística	Hilda Maria Freitas Medeiros, Maria Da Graça Corso Da Motta	Criança com AIDS
	Baixo peso ao nascer e fatores associados.	Taqueco Teruya Uchiura, Dani ele Maria Pelissari, Nelson Shoz o Uchiura	Baixo peso
	2009	Manutenção da lactação: desafio para mães de prematuros hospitalizados	Melissa de Azevedo, Eliane Norma Wagner Mendes
A fragilidade clínica e a vulnerabilidade social das crianças com necessidades especiais de saúde		Eliane Tatsch Neves, Ivone Evangelista Cabral	Crianças com necessidades especiais
Relações entre o familiar e a criança com AIDS: compreensões à luz de Martin Buber		Diego Schaurich, Maria Da Graça Corso Da Motta	Criança com AIDS
Percepções da família do recém-nascido hospitalizado sobre a comunicação de más notícias		Eliana Moreira Pinheiro, Flávia Siphronio Balbino, Maria Magda Ferreira Gomes Balieiro, Edvane B. L. De Domenico, Marta José Avena	Recém-nascido hospitalizado
Criança portadora de necessidades especiais: contrapontos entre a legislação e a realidade		Viviane Marten Milbrath, Hedi Crencencia Heckler de Siqueira, Simone Coelho Amestoy, Maria Elizabeth Cestari	Criança com necessidades especiais
Alterações familiares decorrentes da internação de um filho em uma unidade de terapia intensiva pediátrica		Liliana Yulke Hayakawa, Sonia Silva Marcon, Ieda Harumi Higarashi	Internação em UTIP
Consulta de enfermagem em um programa de vigilância à saúde: vivências do Prá-Nenê		Maria de Lourdes Rodrigues Pedroso, Ninon Girardon da Rosa	Consulta de enfermagem
Cuidado da criança com deficiência: suporte social acessado pelas mães		Maria Angélica Marcheti Barbosa, Myriam Aparecida Mandetta Pettengill, Theara Lopes Farias, Luciana Conceição Lemes	Criança com deficiência
Mães vivenciando o diagnóstico da paralisia cerebral em seus filhos		Viviane Marten Milbrath, Deisi Cardoso Soares, Simone Coelho Amestoy, Diana Cecagno, Hedi Crencencia Heckler de Siqueira	Mães vivenciando diagnósticos
Transtorno de ansiedade na infância como preditor de psicopatologia em adultos		Débora Hessel Gonçalves, Elizeth Heldt	Transtorno ansiedade
Realizando punção venosa ou arterial: significado para a equipe de enfermagem da UTI pediátrica		Herondina Analia de Oliveira Correia, Circéa Amalia Ribeiro, Regina Issuzu Hiroka de Borba	Procedimentos
A desnutrição infantil representada por mães de crianças com baixo peso		Vera Hein, Angela Arruda	Nutrição
Humanização: representações sociais do hospital pediátrico		Carla Bergan, Ivani Burszty, Mauro César de Oliveira Santos, Luiz Fernando Rangel Tura	Humanização
Uso da fotografia como método de coleta de informações: estudo qualitativo com adolescentes com câncer		Ursula Vogel Schmitz Rossari, Maria da Graça Corso da Motta	Adolescentes com câncer
Fatores associados à iniciação sexual entre adolescentes da zona oeste do município de São Paulo		Márcia Doriguello Bergamim, Ana Luiza Vilela Borges	Iniciação sexual
Maternidade na adolescência: sonho realizado e expectativas quanto ao futuro	Paula Rosenberg Andrade, Circéa Amália Ribeiro, Conceição Vieira da Silva Ohara	Maternidade na adolescência	
Aborto provocado na adolescência: quem o praticou na cidade de Maceió, Alagoas, Brasil	Divanise Suruagy Correia, Vera Grácia Neumann Monteiro, Eryaldo Sócrates Tabosa Egitto, Eulália Maria Chaves Maia	Aborto na adolescência	

Quadro 3 – Publicações da Revista Gaúcha de Enfermagem na área da criança. Década de 2000 – 2009.

O parto institucionalizado e as intervenções tecnológicas tornaram o nascimento um evento pertencente à equipe de saúde e não à mãe/família e seu filho, interferindo na ligação afetiva entre pais e bebês. Gaiva e Tavares (2002) enfatizaram que as necessidades e expectativas dos familiares devessem ser uma meta das equipes para a humanização do parto e nascimento, dando mais atenção às relações mãe-filho e família, visando, dessa forma, estabelecer o vínculo mãe-bebê e contribuir com a melhor qualidade de vida emocional das gerações futuras.

O cuidado de enfermagem com o recém-nascido sempre teve muita importância, pois este, sendo um ser tão frágil, necessita de cuidados adequados e fundamentados para melhor atendê-lo. Trabalhos, então, foram publicados abordando assuntos como o cuidado com a pele do recém-nascido.

Assim, Cunha, Mendes, Bonilha (2002), ressaltaram a importância sobre o cuidado com a pele do recém-nascido analisando aspectos anátomo-fisiológicos e os cuidados específicos da pele de neonatos internados. Considerando-se o alto risco do recém-nascido pré-termo para adquirir infecções propunha-se um cuidado de enfermagem voltado para função da pele como barreira protetora do organismo.

A partir do ano de 2003 trabalhos começavam a tratar de assuntos mais delicados em relação à criança. Temas como câncer, síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS) e crianças com necessidades especiais começaram a ser abordados nos trabalhos. Nessas situações, achou-se importante ter atenção especial ao cuidador que também precisa de cuidados, as contradições que existem entre a legislação e a realidade e a fragilidade clínica e vulnerabilidade social dessas crianças com necessidades especiais.

Visando refletir sobre as políticas de atendimento oncohematológico e suas implicações no cuidado à criança com diagnóstico de câncer e sua família Souza e Erdmann (2003) reforçam que as mudanças existenciais da criança/família podem ser minimizadas por políticas que garantam o acesso aos recursos necessários para um atendimento adequado a essa clientela. O engajamento das famílias, dos profissionais de saúde, das instituições governamentais e não-governamentais, podem contribuir na construção de políticas que ampliem a rede de atendimento às crianças que vivenciam uma doença oncohematológica.

O ser-criança e o cuidado de enfermagem no contexto da aids tornou-se um tema importante de ser discutido frente ao preconceito existente em alguns casos. A importância da reflexão nesse contexto proporciona uma direção do cuidado na educação em saúde a esse ser que convive com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS) (PAULA et al, 2003).

A comunicação da enfermagem com o paciente é fundamental para a explicação dos procedimentos realizados no mesmo já que, de certa forma, é uma invasão de privacidade e ele se encontra em um momento frágil de sua vida. O recém-nascido, sendo um ser que não verbaliza suas queixas e sentimentos, é ainda mais importante a questão da comunicação. Saber a percepção do cuidador acerca da comunicação decorrente do estímulo cutâneo, os sentimentos envolvidos na execução do procedimento, a relação estabelecida entre a dor provocada e a comunicação, assim como a oportunidade de ensinar e aprender através do procedimento faz toda a diferença no cuidado ao recém-nascido (MENDES; BONILHA, 2003).

A partir de 2003 foram publicados trabalhos que tratavam sobre as diversas áreas de atuação de enfermagem uma vez que os espaços para a atuação da mesma expandia-se cada vez mais. O cuidado ao recém-nascido e lactentes em creches é um novo espaço que se abre para que a enfermagem atue de forma adequada no cuidado a essa criança que sai do seu lar e passa boa parte do tempo em um espaço diferente com pessoas diferentes. Abordando o cuidado à criança em uma perspectiva histórica, destacando a situação atual da infância, com base em concepções atuais de cuidar e cuidado, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, percebeu-se importante discutir a qualificação das cuidadoras para o atendimento de crianças até dois anos de idade. Considerando o nível de educação dos profissionais de enfermagem, consideram-se os mesmos qualificados para atuarem nessas creches sendo esse um espaço social e político importante para a enfermagem (GOMES; SILVA; ERN, 2003).

Pensando no desenvolvimento emocional e físico do recém-nascido um estudo procurou relatar a importância do alojamento conjunto nesse sentido. Sabe-se que a relação mãe-filho é importante no desenvolvimento físico e emocional da criança e a unidade de alojamento conjunto é o local onde começa a se consolidar esse vínculo

afetivo. Sendo assim, é importante a construção do conhecimento em enfermagem, resgatando a importância da permanência das mães nas unidades de alojamento do conjunto pediátrico e apontar os aspectos positivos da permanência da mãe com o filho hospitalizado contribuindo para o melhor desenvolvimento físico e emocional da criança (FAQUINELLO; COLLET, 2003).

Uma das preocupações mais frequentes das mães são as cólicas que o recém-nascido e o lactente costumam apresentar. A manifestação da cólica é comumente observada na fase inicial de vida dos bebês. Para contribuir na identificação e realizar os cuidados o estudo abordou a definição do quadro clínico, fatores etiológicos e associados, condutas mais adotadas e estudadas para o alívio e tratamento da cólica do lactente (KOSMINSKY; KIMURA, 2004).

A figura do pai ganhava espaço no contexto hospitalar infantil. Estudos abordaram o pai como ser importante no contexto hospitalar infantil, até então não discutido. A percepção da equipe de enfermagem em relação a esse pai que agora cuida do filho hospitalizado também foi abordada.

Primeiramente buscou-se analisar as experiências e sentimentos do pai que cuida no hospital. Viu-se que esse pai sente-se desconsiderado pela equipe de enfermagem, admirado e/ou malvisto pelas mães de outras crianças por ser homem. O pai acompanha seu filho porque já o cuida em casa e também julga importante sua presença para recuperá-lo. Com esses resultados viu-se necessário propor programas que dêem suporte e motivem esses pais desde o pré-natal até o acompanhamento de seu filho hospitalizado (MOURA; RIBEIRO, 2004).

A partir de 2004 mais publicações começaram a surgir sobre traumas na infância.

Traumas físicos em crianças de zero a seis anos ocorridos em domicílio é uma situação comum, mas que muitas vezes não é divulgado. A abordagem educativa necessária à prevenção dessa situação torna-se mais fácil quando se tem um sistema de informações que permite o conhecimento das diversas variáveis relevantes como tipos, frequência, circunstâncias e causas desses traumas (CANABARRO; EIDT, 2004). Sendo o profissional da saúde um atuante no cuidado a criança que é vítima de violência, Algeri (2005), em seu estudo, aborda aspectos relativos ao tema da violência

e suas implicações nas áreas de Saúde, Enfermagem e Educação. Percebendo o papel educador que o enfermeiro tem, viu-se a importância de uma formação e preparo profissional nessa área para enfrentar essa problemática da violência intrafamiliar contra a criança.

Percebendo a importância de conhecer o que o cuidador, membro da equipe multiprofissional, que atua junto a crianças hospitalizadas com câncer, compreende a concepção de cuidado, Pedro e Funghetto (2005) procuraram conhecer essa concepção por parte desses cuidadores. O resultado mostrou que os cuidadores percebem o cuidado como ação, vínculo, presença, sentimentos e promoção do desenvolvimento pessoal e espiritual.

Para a equipe de enfermagem, que convive com o ser-criança que convive com síndrome da imunodeficiência adquirida, o significado do cuidado é expresso como um ato de vida; autêntico; encontro vivido e dialogado; necessidade de cuidar de si para abertura ao encontro; maternagem; necessidade de aproximar o mundo do hospital do mundo da criança e atitude de compaixão (CROSSETTI, PAULA, 2005).

As crianças hospitalizadas necessitam de diversos procedimentos, invasivos ou não, para o seu tratamento. Preocupadas em saber sobre como as mães se sentem em relação ao seu filho hospitalizado sendo submetidos a diversos procedimentos Campos e Leitão (2005), em um estudo, procuraram mostrar as crenças e sentimentos de mães de recém-nascidos submetidos à fototerapia. O resultado mostrou que medo, tristeza e culpa foram os sentimentos que as mães mais representavam. Com relação às crenças, algumas mães pensavam que o bebê estava desconfortável e outras achavam que a criança corria risco de vida.

Conforme Gomes e Erdmann (2005) o cuidado compartilhado à criança no hospital entre suas famílias e a enfermagem são uma estratégia de humanização do cuidado. Mesmo tendo uma legislação vigente, os limites da atuação das famílias no contexto hospitalar ainda encontram-se pouco definidos. Assim, o cuidado compartilhado pode guiar a reconstrução de novas relações entre a enfermagem e as famílias das crianças internadas.

Cunha e Procianoy (2006) abordaram o papel do banho na colonização da pele do recém-nascido pré-termo. Segundo os autores o banho com sabonete altera o pH e

interfere na proteção fisiológica provocando mudança na composição da microflora cutânea. O banho e os produtos de limpeza interferem na proteção fisiológica cutânea e na função da barreira epidérmica, com conseqüências diretas sobre a colonização da pele do pré-termo internado em unidade de terapia intensiva neonatal.

A arquitetura e o ambiente construído também fazem parte do processo de humanização e influenciam na recuperação da criança hospitalizada. Bergan et al (2009) em seu estudo mostram que o elemento atendimento aparece como forma central na humanização enquanto os elementos reforma, medicamentos, organização e carinho aparecem no sistema periférico. Para os acompanhantes dos pacientes a humanização parece estar fortemente ligada ao direito à saúde e acesso aos serviços.

A educação em saúde constitui papel do enfermeiro nos diferentes contextos de trabalho. No entanto, observa-se que essas ações nem sempre são adequadas provavelmente devido ao despreparo teórico dos profissionais. O conhecimento teórico é importante para a adequada educação em saúde. Percebendo isso, torna-se importante avaliar como essa educação é abordada junto aos alunos. A ampliação do aporte teórico para uma adequada educação em saúde é fundamental no processo do ensino do aluno (ROSA et al, 2006).

Em relação à participação da mãe no processo da hospitalização da criança, Dias e Motta (2006) buscaram compreender a concepção de enfermeiras nesse processo e saber a importância desse contexto para as mesmas.

Rocha e Prado (2006) ampliam o conhecimento sobre o brinquedo terapêutico e desenvolveram um modelo de cuidado para sua aplicação. Viu-se a aplicabilidade da proposta uma vez que ela favoreceu o processo de cuidado dessas crianças.

O aleitamento materno sempre foi tema de publicações, pois é muito importante para a mãe e recém-nascido da parte nutricional e afetiva. Ao constatar dificuldades de puérperas em aleitar, Bulhosa et al (2007) desenvolveram um estudo com trabalhadores de enfermagem de uma maternidade com o objetivo de conhecer dificuldades e possíveis estratégias para efetivar a proposta do hospital amigo da criança (HAC). Como dificuldades foram constatados: número insuficiente de funcionários, excesso de atribuições da enfermeira, falta de continuidade no trabalho da equipe de saúde, orientações descontextualizadas, falta de compromisso com esta

proposta. Como estratégias, os profissionais apontaram: reuniões da equipe de saúde, maior articulação do trabalho, avaliações sistemáticas e um maior comprometimento de todos trabalhadores da maternidade.

A gravidez na adolescência é, geralmente, uma situação delicada e, cada vez mais, presenciamos essa situação. A mesma tende a se agravar quando o nascimento do filho é prematuro uma vez que a mãe sempre idealiza o nascimento do seu filho e a prematuridade, às vezes, gera medo, uma insegurança. Frente à isso, muitas mães se compadecem da dor e sofrimento de seus bebês e sentem-se responsáveis por tudo o que ocorre com eles, mudando seus hábitos de vida (CHAGAS; MONTEIRO, 2007).

O escore de Apgar é um índice que, de maneira fácil e eficaz, auxilia na avaliação da vitalidade do recém-nascido. São avaliados frequência cardíaca, respiração, tônus muscular, cor e irritabilidade reflexa. Associando o escore de apgar com recém-nascidos de parto normal e de cesária Franceschini e Cunha (2007) mostram que bebês nascido por parto cesariana apresentam uma diminuição da vitalidade em relação aos nascidos de parto normal.

O cotidiano enfrentado pelas enfermeiras que trabalham em Unidade Neonatal (UN) lhes impõe um alargamento de perspectivas na observação e realização, do ponto de vista das suas atividades profissionais. O cuidado com o recém-nascido (RN) de risco deve ser criterioso, principalmente pela equipe de enfermagem. Através de uma observação direta dos cuidados da enfermeira ao recém-nascido e busca nos prontuários das condições de nascimento, Leitão et al (2007), investigaram as respostas fisiológicas e comportamentais do recém-nascido de risco ao ser cuidado pela enfermeira. Percebeu-se que a resposta fisiológica mais presente foi a alteração da frequência cardíaca, seguida pela saturação de oxigênio e cor da pele. Constatou-se que o RN, mediante expressão facial, movimentação corporal e choro, tenta comunicar seus sentimentos e sua linguagem.

Os cuidados com os bebês prematuros vem se intensificando cada vez mais, uma vez que, esses bebês demandam de um cuidado e aporte especial e uma assistência especializada. Estudos mostram que prematuros de muito baixo peso requerem um cuidado especializado, pois são mais suscetíveis a ocorrências de problemas de saúde. Em seu estudo Tronchin e Tsunehiro (2007) procuraram

descrever algumas características dos prematuros de muito baixo peso como as médias do peso ao nascer, da idade gestacional e do tempo de permanência hospitalar. Esses neonatos submeteram-se a diversos procedimentos invasivos, as crianças demandaram de uma assistência especializada, um longo período de internação e seguimento ambulatorial por equipe multidisciplinar.

Os saberes e práticas de cuidados das mães precisam ser entendidos para serem reconhecidos pelos profissionais de saúde. Zanatta e Motta (2007), objetivando conhecer seus saberes e práticas de cuidado à criança de zero a seis meses de vida, realizaram um estudo que revelou a existência de uma dissonância entre o saber e o fazer das mães frente aos cuidados com o filho e apontou para a necessidade de uma maior aproximação entre os profissionais de saúde e a família, visando à troca de informações e à aliança de saberes no cuidado da saúde da criança.

De acordo com Silva, Kirschbaum e Oliveira (2007) a enfermeira que cuida da criança doente crônica hospitalizada acompanhada por um familiar tem como foco a doença. Esta abordagem de assistência na prática da enfermeira mostrou-se predominante.

Procurando saber o significado de cuidar para estudantes de enfermagem que estão ingressando nas atividades hospitalares Rodrigues, Culau e Nunes (2007) procuraram relatar as experiências apresentadas em situações vivenciadas no estágio em uma unidade oncológica pediátrica. Os resultados foram expressos em aprendizados que vão desde a mudança de conceito sobre uma unidade oncológica à identificação de sentimentos como o afeto. Conclui que a compreensão da transformação ocorrida na vida da criança e sua família possibilita o desenvolvimento do cuidado.

Como doença crônica, o câncer infantil assume a forma de doença progressiva que impõe modificações na vida da criança e da família, exigindo readaptações e estratégias de enfrentamento por se tratar de uma situação delicada e não esperada pela família. O cuidado domiciliar à criança com câncer atribui ao cuidador novas responsabilidades e provoca mudanças repentinas em seu cotidiano. O mesmo deve ser pautado na oferta de carinho, e compreendido como uma ação gratificante, engrandecedora (COMARU, MONTEIRO, 2008).

Schaurich e Motta (2008) buscaram em seu estudo compreender o que é ser familiar cuidador de criança que vive com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Ser familiar de criança que convive com essa síndrome revela-se um fenômeno existencial complexo de mudanças, cuidados, diálogos e preocupações, na busca por um estar-melhor de ambos, no mundo. Compreender os significados que estes fenômenos adquirem na vida destes familiares é de fundamental importância à Enfermagem para que se possa planejar e desenvolver um cuidado que se quer humanístico, ético, estético e solidário.

Buscando compreender o existir de crianças com aids em Casa de Apoio Medeiros e Motta (2008), coletaram informações mediante entrevista com crianças portadoras de aids. Os resultados permitiram compreender o brincar como um modo de a criança estar-melhor no ambiente da Casa de Apoio, pois ela se percebe no mundo com os outros. Baseado nisso as autoras sinalizam a importância da inclusão da temática na formação acadêmica, na sensibilização de profissionais de saúde para o cuidado humanístico e de gestores para desenvolver políticas públicas específicas a esse segmento.

As crianças com necessidades especiais de saúde (CRIANES) apresentam demandas de cuidados crescentes para as famílias e para os serviços de saúde. De acordo com Neves e Cabral (2008) essas crianças com necessidades especiais são clinicamente frágeis e socialmente vulneráveis. Seus familiares, que na maioria das vezes são seus cuidadores, enfrentam desafios no cuidado domiciliar devido a complexidade desse cuidar e à condição feminina. Os autores também mostram que existe uma ausência da enfermagem no seguimento pós-alta, pois muitos saem do hospital sem orientações para o cuidado no domicílio. Dessa forma recomenda-se a preparação e incorporação dos conhecimentos de enfermagem ao cuidado prestado por essas cuidadoras e ações que qualifiquem os serviços de atendimento pré-natal como forma de prevenção.

A hospitalização da criança pode ser traumatizante para a mãe e para a própria criança. Criar um ambiente agradável e descontraído ajuda na terapêutica e na vivência dos pais, pois conseguem ficar mais tranquilos acompanhando e auxiliando no restabelecimento da criança. Maia, Ribeiro e Borba (2008) mostraram, em seu estudo,

os benefícios do brinquedo terapêutico vivenciados por enfermeiras que o utilizam na sua prática assistencial a criança e família. A análise dos dados evidenciou inúmeros benefícios advindos da utilização do brinquedo terapêutico para a criança, a família, o ambiente do cuidado e a própria enfermeira. Vivenciar tais benefícios determina que a enfermeira sinta-se gratificada, realizada pessoal e profissionalmente, passando a valorizá-lo como instrumento de intervenção de enfermagem.

A participação do pai no cuidado da criança vem aumentando e as percepções da equipe de enfermagem acerca da presença do pai como cuidador em unidades pediátricas são variadas. Gomes, Filho e Erdmann (2008) afirmam que, para a equipe, a criança precisa tanto da mãe como do pai no hospital, mas a área física é um forte impedimento para a presença de ambos. Segundo os profissionais, a mãe cuida melhor que o pai, e este só é aceito como cuidador no hospital em situações especiais. Com base nesses dados, concluiu-se que a enfermagem precisa refletir sobre como ajudar os pais a vivenciarem e praticarem a paternidade participante na pediatria.

O peso ao nascer é uma medida muito usada para avaliar as condições de nascimento da criança. Uchimura, Pelissari e Uchimura (2008) analisaram em seu estudo a associação entre o peso ao nascer e as variáveis maternas da Declaração de Nascidos Vivos (DNVs). O resultado mostrou que a prevalência de baixo peso ao nascer foi de 7,6% e as variáveis mostraram uma associação significativa do baixo peso ao nascer com a paridade; sexo feminino; o número de consultas de pré-natal; prematuridade e parto normal. Concluiu-se que as variáveis da declaração de nascidos vivos é de fundamental importância para o conhecimento e planejamento de ações para a saúde materno-infantil.

O processo de hospitalização do neonato o torna vulnerável a diversas práticas de atendimento. Pedron e Bonilha (2008) mostraram em seu estudo que existe a preocupação dos profissionais de saúde em valorizar o avanço tecnológico e unificar condutas embasadas cientificamente. Além disso, os profissionais mostram a necessidade da implantação de rotinas que permitam a permanência dos pais junto ao recém-nascido durante o período de hospitalização sempre visando aumentar a sobrevivência dos neonatos.

Visando um melhor cuidado ao paciente pediátrico em relação a procedimentos assistenciais como punção venosa e sondagens (naso-entérica e naso-gástrica) buscou-se identificar a frequência e o tempo despendido na sua realização com vistas a fornecer subsídios para o planejamento de recursos humanos de enfermagem. Os resultados possibilitaram uma compreensão da complexidade dos processos investigados, cujos elementos relacionam-se ao processo de trabalho do enfermeiro e dos demais profissionais envolvidos, assim como da família e da criança submetida a procedimentos (PEDROSO; MAGALHÃES, 2008).

A triagem neonatal é importante para identificação de algumas doenças. A mesma pode ser eficaz na prevenção de seqüelas irreversíveis oriundas de algumas doenças genéticas. Em seu estudo Luz et al (2008) verificaram a prevalência das doenças diagnosticadas pelo Programa Nacional de Triagem Neonatal (PNTN).

Objetivando conhecer a concepção dos enfermeiros docentes sobre o cuidado Sanches e Pedro (2008) realizaram um estudo que mostrou diferenças em relação as suas práticas educativas, com ênfase em questões técnicas. Assim, constatou-se que essas concepções se baseavam em vivências pessoais e careciam de fundamentação teórica, filosófica, humanística e política, uma vez que não foi identificado algum referencial teórico que as subsidiasse.

O nascimento prematuro é uma situação difícil para toda a família interferindo, em relação aos pais, no estabelecimento do apego e do vínculo. A amamentação do filho é um momento muito esperado pela mãe. No entanto, quando o RN é prematuro, a situação torna-se delicada, pois fica mais difícil para manter a lactação durante a internação do recém-nascido. Frente a isso as mães procuram mecanismos para manterem a lactação durante esse período de hospitalização. Crenças e atitudes relacionadas a manutenção da lactação e a ordenha mamária no Banco de Leite Humano são alguns mecanismos que auxiliam nesse processo. Percebe-se que a manutenção da lactação constitui um processo complexo a ser aprendido por mães envolvidas com a prematuridade e a hospitalização de seu filho (AZEVEDO; MENDES, 2008).

A alta hospitalar da criança ostomizada é um momento de muita importância no que diz respeito às orientações no cuidado domiciliar. Barreto et al (2008) buscaram

conhecer, em meu estudo, as percepções de uma equipe multidisciplinar de assistência a essas crianças. A percepção dos profissionais evidenciou que a alta é fragmentada, a comunicação entre a equipe é falha e que a educação continuada da família é fundamental e sua principal dificuldade é econômica, sendo a mãe o elemento facilitador.

Em 2009, frente à criança portadora de necessidades especiais, que cada vez mais ocupa um lugar na sociedade, Milbrath et al (2009) viram a necessidade de realizar um estudo que trouxesse uma reflexão sobre a legislação brasileira que trata a respeito da criança portadora de necessidades especiais e confrontá-la com a prática cotidiana. Viu-se que, embora os direitos da criança tenham sido legalizados, observa-se, cotidianamente, uma lacuna entre o que é garantido por lei e o que é concretizado na prática. A legislação em defesa da criança portadora de necessidades especiais existe, no entanto é necessário que se consiga colocá-la em prática, rompendo com essa trajetória histórica de preconceitos. Para alcançar essa praticidade da legislação é imprescindível que a população seja sabedora de seus direitos exercendo a sua cidadania a fim de usufruir de uma melhor qualidade de vida. A realidade pode ser modificada através do exercício da cidadania da criança e de sua família, gerando a conscientização, de que são sujeitos com direitos a terem direitos.

As fontes de suporte social são recursos valiosos para ajudar a família da criança com deficiência a lidar com as situações em seu cotidiano, pois a organização e o funcionamento da família são modificados em razão das demandas de cuidado que muitas vezes a sobrecarrega. Barbosa et al (2009) procuraram, em seu estudo, compreender como a mãe identifica e acessa as fontes de suporte social. Sabe-se que as famílias provêm muito dos recursos básicos de que necessitam, entretanto precisam de programas de apoio apropriados para potencializarem ao máximo suas próprias capacidades.

Durante o período gestacional a mãe idealiza o seu filho e imagina como o mesmo será. Quando essa idealização é interrompida por alguma patologia as mães e os familiares passam por um processo de adaptação. Milbrath et al (2009) realizaram um estudo procurando conhecer como as mães de crianças portadoras de necessidades especiais, decorrente do diagnóstico da paralisia cerebral, vivenciam a

revelação do diagnóstico das necessidades especiais ocasionadas pela patologia. As principais dificuldades relatadas pelas mães foram em relação à compreensão e aceitação da situação pela família e a falta de preparo dos profissionais de saúde em revelar o diagnóstico das necessidades especiais de seus filhos.

A má notícia é qualquer informação que afeta a percepção do indivíduo sobre si mesmo e o seu futuro. Descrever como a família percebe a comunicação da má notícia dada pela equipe de saúde sobre o recém-nascido hospitalizado foi o objetivo de estudo de Pinheiro et al (2009). As categorias emergidas foram: o conteúdo da má notícia, a forma que a notícia foi transmitida, as atitudes dos profissionais para transmissão da mensagem e o uso de estratégias de comunicação da má notícia pelos profissionais. O resultado aponta para a necessidade do desenvolvimento de uma prática da equipe de saúde que incorpore a família nas suas intervenções, fazendo uso de uma comunicação que possibilite uma relação simétrica entre família e profissional.

A punção venosa ou arterial é um procedimento que tende a ser traumático para a criança, família e até mesmo para a equipe de enfermagem. A punção é vista pela equipe de enfermagem como um procedimento importante, estressante para a criança, família e equipe, mas se realizada rapidamente, faz bem ao ego pessoal e profissional (CORREIA; RIBEIRO; BORBA, 2009).

A internação de um filho em uma unidade de terapia intensiva pediátrica compreende alterações/implicações familiares decorrentes da mesma. De acordo com Hayakawa, Marcon e Higarashi (2009) a família, mesmo diante da internação e da convivência com o risco de morte do filho, do afastamento entre os demais membros da família em relação à criança doente e à mãe, procura estabelecer meios para manter-se unida e seguir sua rotina. Assim sendo, é importante o suporte aos familiares das crianças internadas, enquanto parte essencial do processo de cuidar contribuindo para que este cuidar se torne efetivamente humanizado. O cuidador também precisa de cuidado para poder agir como cuidador.

Os transtornos de ansiedade vivenciados na infância podem ser considerados como fatores de risco para psicopatologias na idade adulta. Trabalhos sustentam a idéia de que os transtornos de ansiedade na infância são preditores e podem atuar como fatores de risco para psicopatologias na vida adulta. Dessa maneira se afirma a

necessidade de uma maior atenção para esses transtornos para que assim se possa intervir precocemente minimizando ou até mesmo evitando doenças psíquicas na fase adulta (GONÇALVES. HELDT, 2009).

A educação em saúde pode ser realizada a todo momento no cuidado ao paciente. A consulta de enfermagem viabiliza essa prática, pois nesse momento há uma interação total do paciente, família com o profissional. Buscando conhecer a opinião dos pais frente a essa atividade da enfermagem Pedroso e Rosa (2009) realizaram um estudo mostrando essa opinião. A percepção das famílias sobre as atividades da enfermeira compreendeu o estabelecimento de uma relação de ajuda com os usuários, orientações que colaboram com o desenvolvimento das crianças e atuação da enfermeira em uma abordagem interdisciplinar. Na opinião das famílias, as atividades da enfermeira foram descritas como realizadas por uma profissional qualificada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua criação em 1976 até 2009 percebemos um grande número de produções na Revista Gaúcha de Enfermagem. No total, a Revista Gaúcha publicou 885 produções científicas sem os editoriais. Na área da criança foram 111 trabalhos publicados.

Os diversos trabalhos relacionados à criança enfocavam assuntos relacionados às diversas fases do desenvolvimento e crescimento da mesma. Isso mostra um cuidado e um objetivo de qualificar e aprimorar a assistência à criança.

Na década 70 evidenciou-se um reduzido número de publicações sobre criança, assim como nas demais categorias. Já se estudava sobre uma assistência integrada e via-se a importância de uma assistência preventiva.

Na década de 80 percebemos um aumento significativo do número de produções na área da criança e nas demais áreas também. Os artigos salientavam a importância da permanência conjunta da família e a sua co-participação no cuidado à criança. Estudos foram feitos com a finalidade de fundamentar a execução de diversas técnicas no cuidado ao recém-nascido e criar rotinas para a execução desses cuidados. Muito se estudou sobre o recém-nascido, sobre educação em saúde, vínculo afetivo, educação psicomotora, entre outros.

A década de 90 foi marcada por apresentar trabalhos relacionados aos maus tratos em crianças. Havia uma preocupação em relação a qualificação do profissional para o cuidado às crianças e com os registros de enfermagem para avaliação do cuidado prestado ao recém-nascido. Com a criação do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), o adolescente começa a ganhar espaço nos trabalhos.

A década de 2000 caracteriza-se pelo profundo desvelar de conhecimentos de enfermagem sobre o paciente que convive com HIV, pacientes oncológicos, crianças com necessidades especiais, violência infantil e abuso. Também se falava sobre humanização e a figura do pai começava ganhar espaço no cuidado ao filho hospitalizado.

Ao longo dos anos observa-se um crescente aumento do número das publicações em todas as áreas da enfermagem.

Dessa forma percebemos que a produção científica na Revista Gaúcha de Enfermagem cresceu muito ao longo dos anos. Não só na área da criança, mas também, nas demais categorias. Isso demonstra uma preocupação que o profissional tem com o cuidado ao seu paciente, pois fundamenta e aprofunda seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

1. ALGERI, Simone. A violência infantil na perspectiva do enfermeiro: uma questão de saúde e educação. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p.308 - 315, 2005.
2. Áries P. História social da criança e da família. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
3. AUGUSTIN, Maria Regina Gisler Lascombe. Atividades recreativas na comunidade São José do Murialdo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p.197-216, 1985.
4. AZEVEDO, Melissa de; MENDES, Eliane Norma Wagner. Manutenção da lactação: desafio para mães de prematuros hospitalizados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 1, p.68 -75, 2008.
5. BARBOSA, Maria Angélica Marcheti et al. Cuidado da criança com deficiência: suporte social acessado pelas mães. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 3, p.406 - 412, 2009.
6. BARRETO, Lílian Cagliari Linhares et al. Percepções dos profissionais de uma unidade de internação pediátrica sobre a alta de crianças ostomizadas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 3, p.438 - 445, 2008.
7. BARROS, Sônia Maria. **A Importância da Pesquisa em Enfermagem: entrevista em maio de 2007**. Disponível em: <<http://www.nursing.com.br/article.php?a=47>>. Acesso em: 3 nov. 2010.
8. BERGAN, Carla et al. Humanização: representações sociais do hospital pediátrico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 4, p.656 -661, 2009.
9. BIEHL, Jane Isabel. Crianças hospitalizadas por maus – tratos; o cuidado e o significado das vivências de cuidadores de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 212 p.,1997.
10. BIEHL, Jane Isabel; ALGERI, Simone; EIDT, Olga Rosaria. Atelier de vivências: um ambiente propício à construção do cuidado à criança hospitalizada por maus-tratos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p.47 - 55, 1998.

11. BRASIL, Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde – Pró Saúde: objetivos, implementação e desenvolvimento potencial** / Ministério da Saúde, Ministério da Educação – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 86p.
12. BULHOSA, Michele Salum et al. Promoção do aleitamento materno pela equipe de enfermagem em um hospital amigo da criança. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 1, p.89 - 97, 2007.
13. CAMPOS, Antonia Do Carmo Soares; LEITÃO, Glória Da Conceição Mesquita. Crenças e sentimentos vivenciados pelas mães de recém-nascidos sob fototerapia. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p.50 - 56, 2005.
14. CANABARRO, Simone Travi; EIDT, Olga Rosaria; AERTS, Denise Rangel Ganzo de castro. Traumas infantis ocorridos em domicílio. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.257 - 265, 2004.
15. CHAGAS, Natália Rocha; MONTEIRO, Ana Ruth Macedo. A relação entre a mãe adolescente e o bebê pré-termo: sentimentos desvelados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 1, p.35 - 44, 2007.
16. COLLET, N; OLIVEIRA, BRG. Manual de enfermagem em pediatria. Goiânia, 2002.
17. COMARU, Natália Rocha Chagas; MONTEIRO, Ana Ruth Macedo. O cuidado domiciliar à criança em quimioterapia na perspectiva do cuidador familiar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 3, p.423-430, 2008.
18. CORREIA, Herondina Analia de Oliveira; RIBEIRO, Circéa Amália; BORBA, Regina Issuzu Hiroka de . Realizando punção venosa ou arterial: significado para a equipe de enfermagem da UTI pediátrica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 3, p.558 - 560, 2009.
19. CUNHA, Maria Luzia Chollopetz da; MENDES, Eliane Norma Wagner; BONILHA, Ana Lúcia de Lourenzi. O cuidado com a pele do recém-nascido. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p.6 -15, 2002.
20. CUNHA, Maria Luzia Chollopetz Da; PROCIANOY, Renato Soibermann. Banho e colonização da pele do pré-termo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p.203 - 208, 2006.

21. DIAS, Silvana Maria Zarth; MOTTA, Maria Da Graça Corso Da. Processo de cuidar a criança hospitalizada e família: percepção de enfermeiras. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p.575 - 582, 2006.
22. DIAS, Vera Lúcia Mendes et al. Ações de estimulação à criança na Unidade de Tratamento Intensivo Pediátrico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.73-76, 1988.
23. DOMINGUES, Edith de Figueiredo. Tendências atuais na assistência perinatal : conduta e responsabilidade da enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p.7-21. 1981.
24. EIDT, Olga Rosária; MUXFELDT, Lea C. Franck. Contribuição da enfermagem pediátrica na elevação de saúde da comunidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 01, n. 1, p.27-34, 1976.
25. EINLOFT, Liane; SILVA, Rachel Beatriz. Assistência de enfermagem a pacientes pediátricos portadores de Síndrome de Stevens-Johnson no Hospital da Criança Santo Antônio. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 197-203, 1987.
26. FAQUINELLO, Paula; COLLET, Neusa. Vínculo afetivo mãe/filho na unidade de alojamento do conjunto pediátrico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p.294 - 304, 2003.
27. FRANCESCHINI, Débora Thompson Biasoli; CUNHA, Maria Luzia Chollopetz da. Associação da vitalidade do recém-nascido com o tipo de parto. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 3, p.324 - 330, 2007.
28. GAIVA, Maria Aparecida Munhos; TAVARES, Celina Maria Araújo. CUNHA, O nascimento: um ato de violência ao recém-nascido? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p.132 - 145, 2002.
29. GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; SILVA, Alcione Leite da; ERN, Ede. O cuidado de crianças em creches: um espaço para a enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p.177 - 188, 2003.
30. GOMES, Giovana Calcagno; FILHO, Wilson Danilo Lunardi; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Percepções da equipe de enfermagem em relação ao pai como cuidador na unidade de pediatria. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 3, p.431 - 437, 2008.

31. GOMES, Giovan Calcagno; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. O cuidado compartilhado entre a família e a enfermagem à criança no hospital: uma perspectiva para a sua humanização. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p.20 – 30, 2005.
32. GONÇALVES, Débora Hexsel; HELDT, Elizeth. Transtorno de ansiedade na infância como preditor de psicopatologia em adultos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 3, p.533 - 541, 2009.
33. GUIMARÃES, Caren Mello; RIBEIRO, Nair Regina Ritter. Convivendo com a doença do irmão. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.17 - 23, 1997.
34. HAMILTON, Gabriel Diogo P. et al. Cuidados de Enfermagem nas Leucoses. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v2 1, n3, p. 231-242, 1976.
35. HAYAKAWA, Liliana Yukie; MARCON, Sônia Silva; HIGARASHI, Ieda Harumi. Alterações familiares decorrentes da internação de um filho em uma unidade de terapia intensiva pediátrica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 2, p.175 - 182, 2009.
36. KOSMINSKY, Fanny Sarfati; KIMURA, Amélia Fumiko. Cólica em recém-nascido e lactente: revisão da literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.147 – 156, 2004.
37. LEITÃO, Maria Vera Lúcia Moreira et al. Respostas fisiológicas e comportamentais do recém-nascido de risco durante o cuidado da enfermeira. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 1, p.98 - 105, 2007.
38. LUZ, Geisa dos Santos et al. Prevalência das doenças diagnosticadas pelo programa de triagem neonatal em Maringá, Paraná, Brasil: 2001-2006. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 3, p.446 - 453, 2008.
39. MAIA, Edmara Bazoni Soares; RIBEIRO, Circéa Amália; BORBA, Regina Issuzu Hirooka de. Brinquedo terapêutico: benefícios vivenciados por enfermeiras na prática assistencial a criança e família. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 1, p.39 - 46, 2008.
40. MEDEIROS, Hilda Maria Freitas; MOTTA, Maria da Graça Corso Da. Existir de crianças com aids em casa de apoio: compreensões à luz da enfermagem humanística. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 3, p.400 – 407, 2008.

41. MENDES, Eliane Norma Wagner; BONILHA, Ana Lúcia de Lourenzi. Procedimento de enfermagem: uma dimensão da comunicação com o recém-nascido. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p.109 - 118, 2003.
42. MILBRATH, Viviane Marten et al. Mães vivenciando o diagnóstico da paralisia cerebral em seus filhos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 3, p.437 - 444, 2009.
43. MILBRATH, Viviane Marten et al. Criança portadora de necessidades especiais: contrapontos entre a legislação e a realidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 1, p.127 - 130, 2009.
44. MOURA, Eunice Vieira de; RIBEIRO, Nair Regina Ritter. O pai no contexto hospitalar infantil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p.386 - 395, 2004.
45. MOREIRA, PL; DUPAS, G. Significado de saúde e de doença na percepção da criança. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. v. 11, n 6. p. 757 – 762, 2003.
46. MORAIS, Eliane Pinheiro de; EIDT, Olga Rosaria. Conhecendo para evitar: a negligência nos cuidados de saúde com crianças e adolescentes. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.6-21, 1999.
47. NEVES, Eliane Tatsch; CABRAL, Ivone Evangelista. A fragilidade clínica e a vulnerabilidade social das crianças com necessidades especiais de saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 2, p.182- 190, 2008.
48. NUNES, Dulce Maria. Alojamento conjunto pediátrico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p.41-50. 1981.
49. OJEDA, Beatriz Sebben. Transformações paradigmáticas do cuidado a partir do “mundo vivido” de enfermeiras pediátricas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.63 - 70, 1997.
50. PAULA, Cristiane Cardoso De; CROSSETTI, Maria Da Graça Oliveira. O acontecer do cuidado de enfermagem ao ser-criança que convive com AIDS: ser, saber e fazer compartilhado. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p.102 - 114, 2005.
51. PAULA, Cristiane Cardoso de et al. Reflexões acerca do ser-criança e do cuidado em enfermagem no contexto da aids. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p.189 - 195, 2003.

52. PEDRO, Eva Néri Rubim; FUNGHETTO, Silvana Schwertz. Concepções de cuidado para os cuidadores: um estudo com a criança hospitalizada com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p.210 - 219,2005.
53. PEDRON, Cecília Drebes; BONILHA, Ana Lúcia de Lourenzi. Práticas de atendimento ao neonato na implantação de uma unidade neonatal em hospital universitário. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 4, p.612 - 618, 2008.
54. PEDROSO, Arlene Gonçalves dos Santos; MAGALHÃES, Ana Maria Muller de. Análise da punção venosa e sondagens nasogástrica e nasoenteral em unidade de internação pediátrica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 1, p.18 - 25, 2008.
55. PEDROSO, Maria de Lourdes Rodrigues; ROSA, Ninon Girardon da. Consulta de enfermagem em um programa de vigilância à saúde: vivências do Prá-Nenê. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 2, p.221 - 227, 2009.
56. PEREIRA, Vivian E. A.. Aleitamento natural a recém-nascido em incubadora. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.55-59, 1983.
57. PINHEIRO, Eliana Moreira et al. Percepções da família do recém-nascido hospitalizado sobre a comunicação de más notícias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30 n. 1, p.77 - 84, 2009.
58. PIZZATO, Marina. Responsabilidade da enfermagem na organização e planejamento da assistência neonatal. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p.145-156. 1982.
59. POIAN, Vera Regina Da; SCHEBELLA, Gisela Maria. Temperatura axilar do recém-nascido - RN - avaliada com termômetro clínico em diferentes tempos de permanência do termômetro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 217-222, 1985.
60. POIAN, Vera Regina Lopes Da. Alguns aspectos na manutenção da integridade corporal do recém-nascido pré-termo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 129-136, 1983.
61. POIAN, Vera Da. Avaliação da assistência de enfermagem neonatal através da análise dos registros efetuados pelos enfermeiros. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 12, n.2, p.5 -10,1991.

62. POIAN, Vera R. L. Da et al. Ensino do cuidado de enfermagem ao recém-nascido: uma experiência de professores e alunos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p.63 - 73,1995.
63. POIAN, Vera Da. Contusão cerebral e epilepsia no período neonatal um alerta para o enfermeiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 15, n. 1/2, p.47 - 50,1994.
64. RÉ, Vera Regina da; KOFF, Eduardo. Educação psicomotora em crianças de tenra idade: conseqüências favoráveis sobre os processos de maturação neurológica, psicológica e social. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p.79-92, 1886.
65. ROCHA, Patrícia Kuersten; PRADO, marta Lenise do. Violência infantil e brinquedo terapêutico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p.463 - 471, 2006.
66. RODRIGUES, Carla Daiane Silva; CULAU, Janice Maria da Cunha; NUNES, Dulce Maria. Aprendendo a cuidar: vivências de estudantes de enfermagem com crianças portadoras de câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 2, p.274 - 282, 2007.
67. ROSA, Raquel Borba et al. A educação em saúde no currículo de um curso de enfermagem: o aprender para educar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, 2006.
- 68.SANCHES, Márcia Otero; PEDRO, Eva Néri Rubim. Ações e expressões de cuidado na prática educativa de enfermeiros docentes. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 1, p.11 - 17, 2008.
69. SCOCHI, Carmem Gracinda Silvan et al. Higiene alimentar no período neonatal: revisão de literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 16-23, 1989.
70. SCHNEIDER, Jacó Fernando; PEREIRA, Maria Alice; VALLE, Elizabeth R. M. do. Algumas considerações sobre a agressividade na criança – implicações em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 15, n.1/2, p.41 - 46,1994.
71. SCHAURICH, Diego; MOTTA, Maria da Graça Corso Da. Relações entre o familiar e a criança com AIDS: compreensões à luz de Martin Buber. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 2, p.254 - 261, 2008.

72. SILVA, Juliana Bastoni; KIRSCHBAUM, Débora Isane Ratner; OLIVEIRA, Irma de. Significado atribuído pelo enfermeiro ao cuidado prestado à criança doente crônica hospitalizada acompanhada de familiar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 2, p.250 - 259, 2007.
73. SOUZA, Ana Izabel Jatobá de; ERDNANN, Alacoque Lorenzini. A criança com diagnóstico de câncer: revisitando o caminho das políticas de atendimento. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p.23 - 33,2003.
74. TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto; TSUNECHIRO, Maria Alice. Prematuros de muito baixo peso: do nascimento ao primeiro ano de vida. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 1, p.79 - 88, 2007.
75. UCHIMURA, Taqueco Teurya; PELISSARI, Daniele Maria; UCHIMURA, Nelson Shozo. Baixo peso ao nascer e fatores associados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 29 n. 1, p.33 - 38, 2008.
76. ZANATTA, Elisangela Argenta; MOTTA, Maria da Graça Corso da. Saberes e práticas de mães no cuidado à criança de zero a seis meses. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 28 n. 4, p.556 - 563, 2007.
77. WRIGHT, Maria da Glória Miotto; OLIVEIRA, José Eduardo Dutra de. Alimentação de zero a um ano de idade: da teoria à realidade alimentar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p.113-122, 1986.

APÊNDICE A**INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DOS DADOS BIBLIOGRÁFICOS****1. Identificação do artigo original****Título:** _____**Ano:** _____**Autores:** _____**Fontes:** _____**Idiomas:** _____**Descritores:** _____**2. Tipo de Estudo:** _____**3. Contexto do estudo:** _____**4. Local do Estudo** _____**5. População Alvo** _____**6. Objetivos do estudo** _____**7. Resultados encontrados** _____**8. Conclusões:** _____